

JANINE, B. 2023. Carta 5. *Gerativismo. Linguisticamente Falando.*

Olá a todos: Rafha, Júlio e Iuri,

Quero agradecer a vocês pela leitura e o apoio que me deram na escrita da carta sobre estruturalismo. Graças ao estilo da avaliação, e, sobretudo, ao relato de leitura que vocês deram, o trabalho se tornou muito leve e divertido. Vou tentar dialogar com todos vocês, o que creio ser muito possível, porque a ciência, sobretudo a da linguagem, dialoga com diversas áreas, e Chomsky é a prova viva disso.

Como já adiantei em mensagens pelo *whatsapp*, falarei sobre a corrente Gerativista, fundada pelo Noam Chomsky, que é um linguista, filósofo, sociólogo e ativista político norte-americano muito relevante. Ele está vivinho da silva, criticando Bolsonaro. Também o adoro, e vou chamá-lo de Ideias Verdes, em homenagem a uma frase dele (que eu não vou explicar porque não entendo bem). Espero que possamos compartilhar muitos conhecimentos e encontrar mais propósitos além do que propus na primeira carta. Para a escrita desta, utilizei os capítulos “Gerativismo” e “Aquisição da linguagem” do livro *Manual de linguística*, organizado por Mário Eduardo Martelotta, e o capítulo “A competência linguística” do livro *Introdução à Linguística*, organizado por José Luiz Fiorin. Acabei ouvindo também muitos *podcasts* e assistindo vídeos, deixo como recomendação o canal da linguista Jana Viscardi.

Para entender melhor o surgimento do gerativismo, devemos recordar o estruturalismo. O estruturalismo surge em um contexto de necessidade de tornar a linguística reconhecida enquanto ciência. Essa corrente enxerga a linguagem humana como uma estrutura, e foca no estudo da língua, compreendendo que é uma convenção externa ao indivíduo. O estruturalismo não se preocupa tanto com a história da língua, nem com as variações linguísticas ou questões sociais (o gerativismo também não). É uma corrente que apesar de nos apresentar vários conceitos, limita-se à estrutura.

Para entender melhor como o estruturalismo se debruça sobre a língua, basta olhar para o nosso ensino básico, quando estudávamos gramática normativa. A preocupação dos nossos estudos gramaticais era decorar o conceito de um substantivo, de um artigo, e aplicar essas classificações em palavras ou frases soltas. Um estudo das estruturas, ausente de conhecimentos históricos, culturais e sociais que permeiam aquela palavra. E o estruturalismo se pautava muito em uma corrente da psicologia, popular na época, o behaviorismo. Eu lembro do behaviorismo naquela novela da globo, O cravo e a rosa, mas vocês não devem ter essa referência pois são muito “jovens” para isso.

De acordo com o livro *Manual de linguística*, na página 128, conforme os princípios do behaviorismo, a linguagem é “um fenômeno externo ao indivíduo, um sistema de hábitos gerado como resposta a estímulos e fixados pela repetição”. Então, seguindo essa lógica, o ÚNICO meio pelo qual uma criança aprende a falar seria através de estímulo resposta – sobre isso eu não preciso me estender muito. Gato (Rhafa) só aprendeu a falar “pão”, por exemplo, porque repetiram muito para ela, até ela internalizar essa palavra, e perceber que falar “pão” resultava em comida - ou em muitos risos (Afinal, porque vocês riem tanto?).

Mas o Ideias Verdes (Chomsky), olhou pra isso e disse: “Pera, nam, nam. Só isso é insuficiente para explicar como o ser humano é capaz de se comunicar”. Imagina, se fosse assim, você teria que ouvir todas as palavras que conhece várias vezes na vida, e convenhamos que nem todas são comumente utilizadas para gerarem essa dinâmica de estímulo e resposta. Continuando com mais lenha na fogueira (Iuri nem ama), no livro *Introdução à Linguística*, na página 208, explica-se que:

O behaviorismo não consegue explicar como produzimos e compreendemos frases que nunca foram proferidas, como entendemos frases cuja referência não se encontra no contexto em que são produzidas ou como as crianças aprendem a falar tão rapidamente.

Essa teoria não explica a nossa criatividade e a nossa capacidade de gerar frases infinitas a partir de um número limitado de códigos. E observar as crianças é um dos melhores meios de perceber essa criatividade humana em ação. Infelizmente, eu não convivo com crianças e meu irmão mais novo tem poucos anos de diferença, por isso não posso dar muitos exemplos, mas vocês têm esse contato, então devem se lembrar ou observar a partir de agora, exemplos.

Usarei o exemplo do meu professor, descaradamente, de novo. Ele contou que uma menina que estava aprendendo a falar, viu no varal uma calcinha e uma cueca, e daí ela chamou a calcinha de cueca, e chamou a cueca de cueco. Como ela não sabia nomear aqueles objetos de acordo com as convenções, ela pegou conhecimentos já adquiridos e criou, seguindo uma lógica, uma palavra. A roupa feminina ela chamou de cueca porque ela percebeu que na sua língua, o sufixo “a” é utilizado para designar coisas do gênero feminino. E para a roupa masculina, usou o sufixo “o”, que é normalmente usado para designar coisas do gênero masculino. “Cueco” é uma palavra que não existe, e que com certeza ela nunca ouviu. Essa criança usou de forma criativa as regras de sua língua que ela adquiriu informalmente - porque duvido que uma criança de quatro ou cinco anos já tenha estudado gênero de palavras. Viram que a hipótese behaviorista para a aquisição da fala não dá conta

do B.O.? Como disse meu amigo Matheus, se o behaviorismo fosse vigente, todo mundo seria hétero. Algum de vocês aqui é hétero? (cri, cri, cri).

Em contraposto ao estruturalismo (e seu marido psicólogo, o behaviorismo, kkk) o gerativismo vai se pautar (casar com) no inatismo – e quem pegou o buquê foi a Linguística Cognitiva. Melhor, o inatismo pulou a cerca –. O inatismo, como o próprio nome já diz, parte de algo inato, ou seja, que vem de dentro para fora. De que modo isso se aplica à linguagem? Bem, como dito no livro *Introdução à linguística*, na página 96, “[...] os seres humanos nascem dotados de uma faculdade da linguagem, que é um componente da mente/cérebro especificamente dedicado à língua”.

Existe um lugar no nosso cérebro, um módulo (isso de modularidade eu vou explicar a parte no *whatsapp*) dedicado a linguagem, assim como existe um módulo dedicado a andar, a digestão e etc. Ou seja, a linguagem é? “Inata”. Muito bem Júlio (aposto que só ele tá prestando atenção). Enfim, nós não tivemos que aprender tudo do zero, pois nosso cérebro já possui a base. Assim como uma casa não é construída do zero, pois já existia o terreno, as histórias, preferências e técnicas, todo o conhecimento que construímos e que passamos uns para os outros, tornando possível que o engenheiro ou o arquiteto a idealize e construa.

Um outro exemplo é Tarzan - o da Disney, que Júlio ama. Excluindo a linguagem dos gorilas da nossa interpretação, pois ela é mais uma licença de desenhos infantis, o Tarzan não sabia se comunicar com os outros humanos. “Ué, mas nosso cérebro não já nasce com essa habilidade?” “Ele não deveria saber falar?” Bem, quando Tarzan encontra Jane, ela e o seu pai passam a estimulá-lo através de palavras, imagens e etc. E, em pouco tempo, Tarzan aprende a se comunicar. Tarzan nasceu com a faculdade da linguagem, mas ela só se expressou em uma língua humana quando recebeu estímulos externos. Nós nascemos com o potencial para a linguagem. Lembram do professor Francisco explicando o que era potencial? Aristóteles? o fruto verde que pode se tornar maduro (manga)? Que bom que lembraram.

Ainda sobre o inatismo, outro exemplo é o de uma criança que nasce com pernas e um cérebro que comanda suas capacidades motoras, ou seja, ela já nasce com a capacidade de andar, e o fato de ser estimulada pelas pessoas a andar de forma bípede vai ser crucial para que ela desenvolva essa habilidade - como também acontece com Tarzan, que anda como os gorilas e tenta imitar seus comportamentos. Mais uma observação é que, apesar de Tarzan se parecer com os gorilas, ele não era igual a eles, e muitas vezes tinha métodos diferentes para fazer as coisas. Os gorilas lutam literalmente corpo a corpo, mas Tarzan teve que se adaptar para sobreviver, inventando ferramentas. Isso prova o quanto nós seres humanos somos criativos.

O gerativismo não exclui totalmente o estímulo externo, mas admite que existe algo interno que permite ao homem a capacidade de se comunicar, que se denomina faculdade da linguagem. Esse mecanismo inato do indivíduo, chamado de faculdade da linguagem (Língua-i, interna), somado aos estímulos externos (Língua-e), resultam na competência linguística. A competência linguística é o conhecimento do indivíduo para falar sua língua. É todo o conhecimento do português que Iuri, Rhafa e Júlio usam quando falam ou pensam. E de espanhol também.

O gerativismo trouxe uma grande mudança na forma como vemos a língua, focando no falante e se preocupando em enxergar a língua por meio de “[...] um modelo teórico formal, inspirado na matemática, capaz de descrever e explicar abstratamente o que é e como funciona a linguagem humana.”(MARTELOTTA, 2021, p.127). Gente, eu falei em matemática, mas ninguém corra não. Fiquem aqui. Suave. Prosseguindo, o gerativismo bebeu de várias áreas, e já passou por várias reformulações até hoje - o que inclui, por exemplo, a gramática transformacional, na qual não irei me aprofundar por não ter muito conhecimento, e pelo limite de páginas.

Vamos para a próxima partida: o gerativismo atualmente se preocupa mais com a análise sintática da língua. "Brunahhh, como é que de competência linguística e inatismo veio parar em análise de frases, e sujeito, e predicado? A gente nunca nem aprendeu isso". Guarda isso e vamos para outro questionamento: se todos nós nascemos com a mesma faculdade da linguagem, porque falamos tantos idiomas diferentes? Para explicar isso, o Gerativismo propôs a hipótese da Gramática Universal (GU).

“Deve-se entender por GU o conjunto das propriedades gramaticais comuns compartilhadas por todas as línguas naturais, bem como as diferenças entre elas que são previsíveis segundo o leque de opções disponíveis na própria GU” (MARTELOTTA, 2021, p.135).

Em outras palavras, a GU é dividida entre princípios, que são as propriedades gramaticais universal ao ser humano, e os parâmetros, que são as propriedades particulares de cada língua, que as diferenciam. É um princípio da linguagem humana a possibilidade de um sujeito em uma frase. Mas a presença ou não presença - veja que é binário -, a posição do sujeito na frase, depende de cada língua, portanto essas condições são parâmetros. Eu sou péssima em inglês, mas como vocês tem uma base melhor, irei copiar os exemplos do livro *Manual de linguística*, na p. 137: “i) João disse que ele vai se casar (“ele” → sujeito preenchido)” e “ii) João disse que \emptyset vai se casar (“ \emptyset ” → sujeito nulo)”. Note que ambas as frases têm sentido. Já na língua inglesa, o sujeito nulo não é possível, pois a frase fica

agramatical: “i) John said that he is going to get married” e “ii) * John said that \emptyset is going to get married” (MARTELOTTA, 2021, p.137).

Inclusive, notem que o espanhol e português são muito parecidos, e o inglês nem tanto. Essas línguas possuem uma origem comum, e as diferenciações que surgiram provavelmente são fruto da nossa criatividade. Mas, por mais diferentes que sejam, quando vamos estudá-las, nós achamos semelhanças.

Em resumo, sobre o que falamos:

[...] a faculdade da linguagem é o dispositivo inato, presente em todos os seres humanos como herança biológica, que nos fornece um algoritmo, isto é, um sistema gerativo, um conjunto de instruções passo a passo - como as inscritas num programa de computador - o qual nos torna aptos para desenvolver (ou adquirir) a gramática de uma língua. Esse algoritmo é a GU. (MARTELOTTA, 2021, p.135).

Acho que com essa analogia com a área de programação ficou mais claro, né? Nós saímos da informática, mas ela nos persegue (risos). E respondendo a pergunta sobre o foco dessa corrente ser a análise sintática: é através da análise sintática das frases que é possível perceber os princípios e parâmetros das línguas. E uma curiosidade é que, esses estudos contribuem e colaboram muito para a área da tecnologia da informação, desde o entendimento da língua para programar sistemas de busca e correção, até a inteligência artificial - @iuri.

E, para finalizar, já que todos nós nascemos com a mesma faculdade da linguagem, o gerativismo nos diz que todo falante da sua língua a conhece inconscientemente e tem toda propriedade para usá-la, ou seja, entender e produzir frases, e determinar o que é gramatical e agramatical. Se lembram da frase do cuscuz? E quando um falante da sua língua diz uma palavra errada, não significa que esta pessoa conheça menos a sua língua, ela apenas teve um problema no seu uso (ou você está sendo normativista, kkk).

A língua em seu uso, ou seja, o desempenho linguístico, está atrelado a vários outros fatores extralinguísticos, como a atenção, memória, emoção e etc. Ora, imagina se Iuri vai falar pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiotico e erra - o que nunca aconteceu até hoje -, é porque ele não sabe essa palavra? Claro que não, provavelmente a língua dele enrolou, o que prejudicou a sua performance. E quando Manteiguinha (Rhafa) escreveu crise sem o “r” no trabalho de geografia, não foi porque ela não sabia escrever essa palavra, provavelmente ela teve um momento de desatenção, se distraiu com uma formiga andando.

Eu gostaria de poder ter dado mais exemplos e dialogado mais com suas áreas de estudo atualmente. Quem sabe na próxima carta, né? Espero que essa trajetória, até o momento, tenha nos ensinado que a nossa linguagem é um elo que reflete nossa espécie. Que somos todos diferentes, mas o nosso princípio é igual. Que existem muitas camadas e

processos complexos para que as existências gerem existências. Que dependemos do que já temos e do que não temos, pois precisamos buscar o que é nosso no outro e inovar. Que as palavras nos façam crescer.

Com carinho,

Bruna Janine

João Pessoa, 02 de novembro de 2022.

Referências:

CEZARIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. **Aquisição da linguagem.** IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Linguística. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 207-216.

KENEDY, Eduardo. **Gerativismo.** IN: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Linguística. 2a ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 127-140.

NEGRÃO, Esmeralda et. al. **A competência linguística.** IN: FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. 6a ed. revista e atualizada. São Paulo: Contexto, 2010. p. 95-119.